

Poeta Fred Caju
lança 'Bívio', seu
mais novo livro

PÁGINA 3



Victor Biglione toca
disco gravado
com Cássia Eller

PÁGINA 4



Milhem Cortaz cria
padaria artesanal na
garagem de casa

PÁGINA 6



2º CADERNO

Coisas que só o vento sabe

Isabel Allende escreve
uma ode a imigrantes
meio século depois do
golpe que a exilou

Por Mayara Paixão (Folhapress)

“Este aqui fala sobre migrações, no estilo Isabel Allende, vocês sabem”, diz a vendedora a uma dupla de argentinos que entra numa livraria do bairro Lastarria,

em Santiago, para perguntar sobre o novo livro da escritora chilena radicada nos Estados Unidos.

Cabem muitas interpretações ao conhecimento atribuído, na ocasião, aos leitores, mas é certo que compõem o estilo de Allende, de 81 anos, a narrativa centrada em personagens femininas, os dramas familiares e um leque extenso de referências à vida da autora. E a seu mundo mágico.

Desta vez, a política migratória que, sob o governo Trump, separou milhares de crianças imigrantes de seus pais na fronteira sul dos Estados Unidos divide as páginas do recém-lançado “O Vento Sabe meu Nome” com relatos do Holocausto nazista. A versão em português é publicada pela Bertrand Brasil, selo da editora Record.



Divulgação

Radicada nos EUA desde a juventude, Isabel Allende relata histórias de migrações forçadas em seu novo romance, 'O Vento Sabe Meu Nome'



A obra chegou ao país natal de Allende no final do primeiro semestre acompanhada do boom de lançamentos que versam sobre os 50 anos do golpe militar que relegou ao Chile 17 anos de ditadura, efeméride que se completa no dia 11 de setembro. As obras se mesclam na entrada de livrarias, entre destaques recomendados e mais vendidos, e talvez por isso houvesse a velada expectativa de que um dos principais nomes da literatura em espanhol abordasse esse capítulo triste da história.

Allende não o fez - ao menos não de modo

direto. Mas, no livro centrado no drama do desterro e da migração forçada, há uma associação singela com a história da escritora.

Ela própria, afinal, viveu com sua família o exílio forçado pela ditadura de Augusto Pinochet. “Acredito que o fato de ter sido uma eterna migrante me inclina a simpatizar com aqueles que têm de deixar sua terra e buscar asilo em outra parte, onde muitas vezes não são bem recebidos”, diz ela, por email, numa entrevista que se limitou, porém, a temas do novo livro.

Continua na página seguinte

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Renato Aragão: carreira pausada desde 2020

Fora da TV, Renato Aragão retoma carreira em musical

Fora da televisão e da vida artística desde que saiu da Globo, em junho de 2020, o humorista e ator Renato Aragão vai voltar aos palcos. Hoje com 87 anos, o eterno Didi Mocó fará um musical baseado em sua história de vida e carreira.

A previsão de estreia é para o primeiro semestre de 2024 no Rio de Janeiro, mas ainda

sem local e a data exata definida.

A adaptação terá o nome extraído de “O Adorável Trapalhão”, filme lançado em 1967 e um dos primeiros trabalhos do humorista produzidos com a marca do programa Os Trapalhões, que faria um enorme sucesso na TV brasileira a partir dos anos 1970.

Garota-propaganda

Shakira é a estrela da nova campanha da Sempre Nova, coleção das sandálias Ipanema. Com o mote “o próximo passo é seu”, o comercial está disponível nas redes sociais e canais da marca. A campanha global apresenta quatro modelos de sandálias.

Faltou Bahia

Fora da programação do The Town, Leo Santana disse que faltou alguma coisa do festival encerrado domingo em São Paulo. “Sou suspeito para falar, mas, apesar de ser um evento bem eclético, faltou um som baiano”, opinou o Gigante.

Recorde de vendas

A Bienal do Livro confirmou as altas expectativas geradas pelo seu primeiro fim de semana e registrou recordes de vendas na edição deste ano. Foram comercializados mais de 5,5 milhões de livros, contra 2,5 milhões da última edição, em 2021.

Em casa

Preta Gil recebeu alta do hospital Sírio-Libanês, em São Paulo, onde passou 28 dias internada. Ela, que tratava um câncer no intestino desde janeiro, retirou o tumor e realizou ainda um procedimento para a retirada do útero.



Divulgação

Isabel Allende: ‘Ao escrever um romance, quero apenas contar uma história. Minha intenção não é pregar ou dar uma mensagem’

Duas histórias separadas por oito décadas

A espinha dorsal da narrativa de “O Vento Sabe Meu Nome” está em Anita Díaz, menina salvadorenha cega que, ao lado da mãe, fez o périplo migratório da pequena nação da América Central até os Estados Unidos, onde sob a política de Trump, alvo de denúncias de violação de direitos humanos, ela se viu sozinha.

O paradeiro da mãe de Anita, uma mãe solo como tantas outras na América Latina, é um dos mistérios da obra, e, até que isso seja revelado, os caminhos da menina se cruzam com o representante de uma outra onda migratória que hoje conforma a sociedade americana. Ele é Samuel Adler, musicista, um sobrevivente da Noite dos Cristais em 1938, na austríaca Viena, o marco inicial da perseguição dos nazistas aos judeus.

Samuel é salvo pela operação conhecida como Kindertransport, que levou meninos da Alemanha para o Reino Unido - já adulto, o protagonista de Allende vai aos Estados Unidos, onde passa a viver.

As duas histórias, separadas por oito décadas, refletem os traumas e as profundas transformações que a migração forçada relega às crianças. Pelo drama escalado que representa o desterro na infância, Isabel Allende, uma autora que sempre põe um pouco de si em suas protagonistas, aponta diferenças com Anita.

“Também fui uma menina solitária e muito apegada à minha mãe, que me refugiava na minha imaginação, mas não posso me comparar com Anita. Além de perder sua mãe e sua família, ela também sofre porque é cega.”

Pressionada pela ditadura militar, a sobrinha do presidente de-

posto Salvador Allende, com quem compartilhava apenas escassos jantares e piqueniques de família, mas também o então infame sobrenome, foi viver na década de 1970 na Venezuela, à época um país em pleno crescimento econômico graças à riqueza do petróleo - cenário bastante diferente do atual, com o país sendo palco da mais grave crise migratória de todo o continente.

A esse período, nada romantizado em seus relatos, Allende se refere como uma época de enormes desafios, mas também de resiliência. A despeito do distanciamento que a autora tenta marcar, “O Vento Sabe meu Nome” traz um emaranhado de outras referências à sua trajetória.

As conexões vão do drama do abuso sexual - do qual foi vítima ainda durante sua infância no Chile - à criação dos mundos mágicos como refúgio psíquico desse trauma.

“Anita é uma menina assustada, solitária e traumatizada, as outras são meninas com família, amor, segurança; talvez o único em comum seja a imaginação”, diz a autora, sobre a personagem que criou inspirada numa história real. “O trauma que esses meninos [migrantes] sofrem é brutal, muitos nunca se recuperam por completo, mas a experiência, às vezes, faz com que se tornem fortes e resilientes.”

Numa ode aos direitos de imigrantes e refugiados nos Estados Unidos, país onde está radicada desde os anos 1990, a chilena faz também a defesa da imaginação como válvula de escape para a dor. E nega levantar bandeiras com o livro. “Ao escrever um romance, quero apenas contar uma história. Minha intenção não é pregar ou dar uma mensagem”, ela afirma.

Ainda assim, seu novo romance ecoa uma mensagem clara num tempo em que a migração molda o presente e o futuro. Cinco anos após o fim da política de separação das crianças migrantes de seus pais nos Estados Unidos, há ao menos 745 menores que ainda não reencontraram suas famílias e seguem sob a tutela do Estado, segundo números oficiais.

ENTREVISTA / FRED CAJU, POETA

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Encontra-se mel nas páginas de *Bívio*: “Foi na primeira vez/ que quebrei seu sorriso/ que você consertou/ o meu em definitivo”. Acha-se dor também: “Você, barco a vela,/ disco-voador,/ submarino amarelo,/ metrô, bicicleta;/ seguia pra bem longe/ sem se importar como”. Tem alerta: “Já usei por epígrafe/ o poeta mineiro que/ a literatura estragou”. Tem até remanso: “Somente por você/ saber de cor mais nomes/ de flores que automóveis,/ eu já não precisava/ de mais nenhum motivo/ pra desfazer as malas,/ recusar o trabalho/ e queimar a passagem”.

Há de um tudo no poemário que o versador, editor e artesão pernambucano Fred Caju lança este mês pela Cepe Editora, com noite de autógrafos agendada para esta sexta-feira, na Livraria Travessa de Ipanema, às 19h. Autor de “Nada Consta” e “O Revide das Pequenas Maldades”, ele lapida a pedra lascada de sua fúria e enverniza de invenção a pedra polida do requinte gráfico. Num papo com o Correio da Manhã, ele destila lirismo ao falar da dimensão resistente, ecológica e politicamente consciente de publicar um livro no Brasil.

Que propostas decoloniais te servem de bússola e de leme?

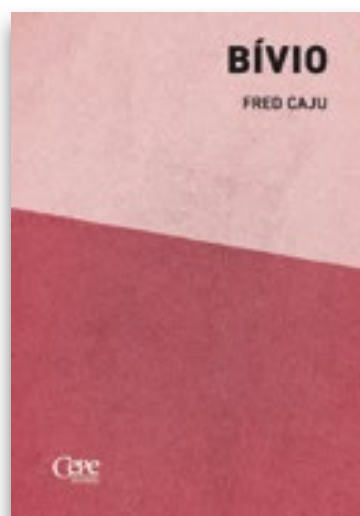
Fred Caju: Retrabalhar a linguagem é indispensável. Dentro dos poemas gosto de desautomatizar a quebra do verso renegando uma separação silábica normativa. É um recado de revide ao idioma imposto pelo derramamento de sangue. Como editor, sempre busquei aproximações e publiquei autoras e autores com corpos e vivências outroras renegados pelo cânone. Como diagramador e projetista gráfico, eu me utilizo apenas de softwares e tipografias livres para compor a identidade visual das publicações. Como artesão do livro, estou sempre repensando os recursos e insumos



Defensor da tese de que a escrita poética é um processo intenso e insubordinado, Fred Caju dá som, fúria e papel a seu lirismo nas páginas de ‘Bívio’

‘O objeto-livro é meu lugar de performance’

que o livro demanda para existir, tentando extrair potências do papel de maneira ambientalmente responsável. Como livreiro, procuro meios e parcerias alternativas para a venda dos livros que não estejam reproduzindo estruturas viciadas. Isto tem sido parte de um trabalho de 15 anos. Intenso, insubordinado e cansativo. No “*Bívio*”, porém, eu me autorizei ao descanso. Procurei a Cepe, por ser uma editora que já tinha publicado o “*Nada Consta*”, por conta do prêmio Hermilo Borba Filho de Literatura, em sua 5ª edição, do qual fui um dos vencedores, e por conseguir um preço final acessível ao livro. Foi um poemário de escrita lenta, sem pressa em se tornar publicação. Quando terminei, eu havia me tornado vegano e



acabei precisando revisitar muitos poemas para não reproduzir algo especista dentro do livro. Ou seja, mesmo me propondo ao descanso, vi que descanso não existe quando se trata de linguagem.

Qual é o espaço consciente de memória que demarca sua lírica e que recordações ela aponta ou desabrocha?

Cada livro que publico traz recortes de memórias restauradas e esquecimentos que fomentam memórias inventadas. Não sei escrever sem a vivência do corpo. Trabalhar temáticas para cada poemário faz com que o tempo seja espiralar na minha escrita. No “*Bívio*”, eu me centrei em memórias de primeiros encontros e descobertas no “*Livro I – verde-água*” e, no “*Livro II – uma noite para um barco*”, trabalhei a despedida e a ruptura. Em ambos, a memória surge como elemento protagonista. Em outros livros, o exercício de recordar para escrever ou escrever para recordar apontaram para ou-

Divulgação

tras temáticas. Gosto de trabalhar poemas em série, focando em algum assunto ou em alguma forma.

De que maneira a performance e a declamação fazem parte da sua rotina de criação?

Tenho uma filiação maior à palavra escrita. Gosto de explorar a imagem do poema, o posicionamento da palavra na página. De pensar a página, sobretudo a página analógica, finita. Sou encadernador, artesão do livro. A quadratura do livro é um local de criação para mim. A oralidade surge para limpar o texto de ruídos e cacofonias, muito mais como um artifício de edição do que criação. O objeto-livro é meu lugar de performance. Pensar sua carnadura para criar um ambiente hospício para o texto é um desafio criativo que faz parte da minha rotina. No “*Bívio*”, assim como meus livros anteriores, projeto gráfico e diagramação são pautas de edição. Os poemas do livro possuem 40 versos. E foi pensado um desenho que valorizasse isto, por exemplo.

Que espaço existe para a poesia na arte brasileira hoje em termos mercadológicos, na seara editorial e na internet?

Eu tenho me afastado cada vez mais das lógicas mercadológicas. Tenho centrado forças em projetos de oficinas, de diálogos com escolas públicas e bibliotecas comunitárias. Abandonei as redes sociais para ter mais tempo com a leitura, a pesquisa, a elaboração de novos projetos e o aperfeiçoamento de técnicas de encadernação e de produção gráfica. Como editor, é impossível eu não olhar o livro como objeto, como bem cultural, como mercadoria, mas sinto que há uma lacuna na formação de público leitor que não será o mercado nem a internet que vai sanar. É preciso parar de ver as pessoas apenas como consumidoras. Não sou o melhor profissional do livro a responder sobre o panorama da poesia dentro do mercado. Eu me coloco à revelia do que o rege e ele não me interessa como objeto de estudo.

Por Affonso Nunes

Uma noite para lembrar Cássia Eller

Victor Biglione, Taryn e Dudu Lima tocam no Rival as faixas do premiado disco póstumo em que a artista, morta em 2001, cantava temas de jazz e blues

Nada como o tempo para reparar equívocos históricos. Em 10 de dezembro do ano passado, a trajetória musical singular de Cássia Eller (1962-2001) foi enriquecida com o lançamento póstumo do álbum “Cássia Eller & Victor Biglione in Blues”, gravado em 1991 e que ficou mais de 30 anos sem chegar ao público. O disco foi recebido com entusiasmo por fãs da cantora e foi premiado na última edição do Prêmio da Música Brasileira como Melhor Projeto em Língua Estrangeira. Sua execução nas plataformas de música passa de 1,2 milhão de streams somente no Spotify.

Lançado há um mês em vinil, o álbum coroou as brilhantes apresentações de um repertório clássicos do blues, do rock e standards de jazz que Cássia, em início de carreira e o virtuoso guitarrista fizeram no Circo Voador e no saudoso Free Jazz Festival. Cássia, com seu carisma, voz potente e presença de palco única, não está mais entre nós mas Biglione reuniu músicos para relembrar esses shows nesta terça-feira (12) no palco do Teatro Rival.

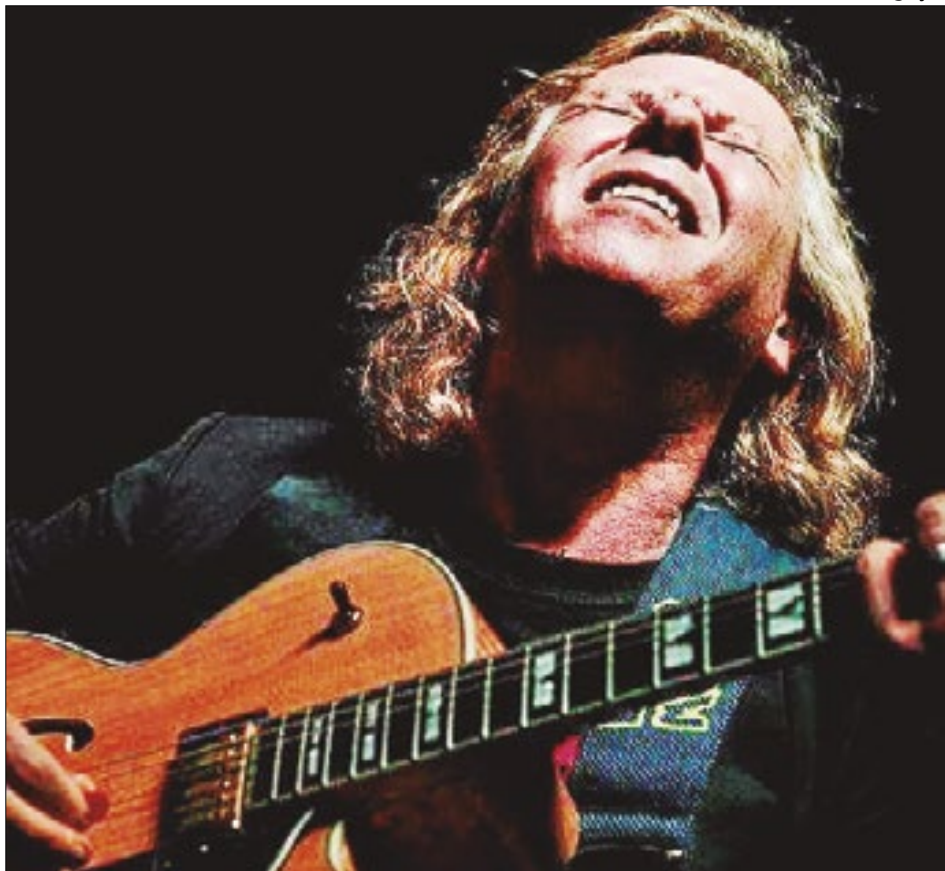
Caberá à cantora Taryn, uma tarimbada intérprete de jazz e blues relembrar as faixas do projeto produzido por Victor Biglione e o saxofonista Zé Nogueira para o selo Polygram. O duo de voz e guitarra terá o auxílio precioso do contrabaixista Dudu Lima, da bateria de Leandro Scio e os teclados de Pedro Fonseca.

Victor, Dudu e banda abrem o show especialíssimo com versões instrumentais para clássicos como “Summertime” (Gershwin) e “Clube da Esquina 2” (Milton Nascimento / Lô Borges / Márcio Borges), além da autoral “Regina” (Dudu Lima), gravada com Stanley Jordan.

Em seguida recebem Taryn interpretando as pérolas gravadas por Cássia Eller no premiado álbum tais como “Got to Get You Into My Life” (Lennon/McCartney), “When Sunny Get’s Blue” (Marvin Fisher/Jack Segal), “Ain’t Got Nothing But The Blues” (Duke Ellington) e “Same Old Blues” (Don Nix).

Sobre a escolha de Taryn para interpretar as canções gravadas por Cássia Eller nos anos 1990, Biglione destaca a versatilidade da cantora com temas jazzísticos e de blues. “A Taryn é um cantora de grandes recursos e que cai como uma luva para prestar essa homenagem à nossa querida Cássia Eller”, justifica o músico. “Foi uma escolha fácil de fazer, eu diria”, completa.

A história de “Cássia Eller & Victor Biglione in Blues” começa após uma viagem



Victor Biglione
Divulgação



Taryn



Dudu Lima

do músico aos Estados Unidos no início de 1991. “Eu me ressentia que não tínhamos no Brasil um trabalho de releituras que expres-

sasse a riqueza que a linguagem blues traz consigo”, conta o instrumentista e arranjador, que selecionou o repertório e buscava uma

voz feminina que encarnasse o projeto. “Uma produtora amiga, Lúcia Alcantarino, me indicou uma cantora iniciante chamada Cássia Eller. Ouvi Cássia cantando a faixa ‘Por Enquanto’, de Renato Russo, em que citava ‘I’ve Got a Feeling’, de Lennon e McCartney, na introdução. Logo vi que ela tinha essa pegada”, rebobina o guitarrista consagrado nacional e internacionalmente, que a essa altura já tinha três álbuns solo, um Grammy Internacional com o grupo Manhattan Transfer, em 1988, e já era um dos mais requisitados músicos de estúdio, o que o levou mais tarde a ser guitarrista com o maior número de gravações e shows na história da MPB.

Cássia, por sua vez, havia lançado seu primeiro álbum, “Cássia Eller” (Polygram, 1990), com um repertório dominado pelo rock’n’roll, e vinha arrancando elogios da crítica, pavimentando os primeiros passos de uma carreira apoteótica que lhe renderia inúmeras premiações, como o Grammy Latino, em 2002, os prêmios Sharp (1991, 1993, 1995, 1997, 1998 e 2002), Multishow (2002), entre outros.

“Lembro que a Cássia foi à minha casa bem tímida. Passei a ela o repertório e, três dias depois, no primeiro ensaio com a banda, ela já havia dominado todas as canções, com interpretações estonteantes e cheias de personalidade. Todos ficaram de queixo caído, pois ela não conhecia aquelas obras até então”, revela Biglione.

Espremido entre o primeiro e o segundo álbum de Cássia, “Malandragem” (Polygram, 1992), o projeto em parceria com Victor Biglione acabou não saindo. Mas o festejado encontro musical rendeu shows antológicos da dupla no Circo Voador e no Free Jazz Festival, de 1992, na noite em que tocariam Albert King e Robben Ford. Aliás, foi a lembrança dessas apresentações evocada pelo público que manteve a expectativa de lançamento desse álbum por tanto tempo. “Se o disco tivesse saído naquela época, certamente daria um impulso notável na carreira internacional da Cássia, que não deixava nada a dever a muitas cantoras estrangeiras”, aposta Biglione, músico com vasta vivência em festivais mundo afora, tendo conquistado posteriormente um Grammy Latino com Milton Nascimento por sua participação no acalmado álbum “Crooner”, em 2000, e foi finalista na edição de 2016 com o solo “Mercosul”.

SERVIÇO

VICTOR BIGLIONE, DUDU LIMA & TARYN - CÁSSIA ELLER IN BLUES
Teatro Rival (Rua Álvaro Alvin, 33 – Cinelândia) | 12/9, às 19h30
Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

Uma ode ao feminino

Luís Martins lança faixa e clipe que antecipam seu 5º álbum

O cantor e compositor baiano Luís Martins lançou nas plataformas digitais o single “Mulher”, samba autoral que estará no seu próximo álbum de inéditas “Caminhos”, seu quinto trabalho fonográfico.

Neste álbum, Luís se juntou a um time de músicos de primeira linha da MPB. O pianista Cristóvão Bastos assina a direção musical e participaram também Jamil Joanes (baixo), Jurim Moreira (bateria), João

Lyra (violão) Rui Alvim (clarinete), Armando Marçal (percussão) e Dirceu Leite (flauta), entre outros que fazem história em gravações clássicas da MPB.

Inspirado nos clássicos da MPB, este single “Mulher” conta também, entre estas feras da música brasileira, com a participação nos vocais de Cynara, do Quarteto em CY, grupo vocal brasileiro formado em 1964, considerado o maior quarteto vocal feminino do Brasil, além de o mais antigo, que participou dos áureos tempos da Bossa



Luís Martins e Cristóvão Bastos no estúdio

Nova e da MPB. Este, inclusive, foi o último registro, em estúdio, da cantora que morreu em abril deste ano.

A canção ganhou também um videoclipe gravado em Salvador, com direção, roteiro e atuação de Luísa Martins, filha

do artista. “Esta gravação foi diferente, porque tem a minha filha como diretora; isso me inspirou mais ainda. Eu dividido e contracenado com ela. Vivo cercado por mulheres e é sobre isso que a música fala, a mulher pode, deve e tem que conseguir seu espaço. Foi muito gostoso”, destaca Luís.

Sobre este novo trabalho, Cristóvão Bastos conta. “Gravar esse álbum com Luís Martins foi extremamente prazeroso, numa convivência boa com grandes músicos no estúdio e um profissionalismo impressionante. E na faixa “Mulher”, particularmente, a gente teve no coro a presença da Cynara, do Quarteto em Cy - uma das últimas coisas que ela gravou. É um registro importantíssimo”.

Luís já tem quatro álbuns gravados: “Sou Músico” (2018), “Seis Meses” (2019), “Sonho Live” (2020) e o Projeto “Studio Session: Luís Martins” (2023).

FERNANDO MOLICA



“Em meio a tantas fake news, o jornalismo ganhou uma importância ainda maior ao fornecer informações corretas e análises que ajudam o leitor a tomar suas decisões.”

Fernando Molica

Carioca, jornalista e escritor, trabalhou em publicações como 'Folha de S.Paulo', 'O Globo', 'O Estado de S.Paulo' e 'Veja' e na TV Globo, CNN e CBN. Recebeu, entre outros, os prêmios Vladimir Herzog e Embratel de jornalismo. Autor de nove livros, entre eles, seis romances, é botafoguense e mangueirense.

No 'Correio da Manhã', Fernando Molica é responsável por duas colunas diárias: um artigo de opinião que trata de cultura e política e o Correio Nacional, que traz em forma de notas curtas, informações exclusivas sobre política, administração pública e universo empresarial.

Correio da Manhã

Correio Petropolitano

Correio Sul Fluminense

“Democracia e liberdade de expressão são o oxigênio do jornalismo. O jornalismo não sobrevive sem elas”

Rudolfo Lago

Formado pela Universidade de Brasília, Rudolfo Lago tem 37 anos de profissão, especialmente na cobertura de política. Responsável por furos como o dos Anões do Orçamento e a série de reportagens que levaram à cassação do ex-senador Luiz Estevão. Vencedor do Prêmio Esso, entre outras premiações.

No Correio Político, o leitor conhecerá os meandros, os bastidores, do poder em Brasília, na Esplanada dos Ministérios. Histórias que ajudarão a entender por que as decisões são tomadas ou não nos três poderes da República.



RUDOLFO LAGO

Marina Almeida Prado/Divulgação

Por Thaís Nicoletti (Folhapress)

Com farinha de alta qualidade e com (muito) afeto. É com esses ingredientes que o ator Milhem Cortaz trabalha em sua padaria artesanal, a Cortaz O Pão, instalada na garagem da própria casa, no bairro paulistano de Perdizes. As primeiras fornadas saíram na pandemia, quando fazer pão, além do efeito terapêutico, era uma forma de criar um elo positivo com o mundo: a produção diária era doada a pessoas necessitadas.

A iniciativa de Milhem logo chamou a atenção dos fabricantes de equipamentos para panificação. De olho no seu potencial de divulgação, eles se tornariam parceiros do que, para ele, é — mais que negócio — um sonho e um meio de resgatar as próprias raízes.

Para o agora padeiro, a coisa começou no susto: “De repente, tinha uma masseira na minha garagem!”. O mimo seria só o ponto de partida. Milhem passou a se dedicar ao novo projeto: aprendeu muito, conheceu pessoas da área e foi abraçado por todos.

Foi, aliás, no meio de abraços e selfies dos fãs do capitão Fábio, de “Tropa de Elite”, do Peixeira, de “Carandiru”, e do Wando, da série “Os Outros” (Globoplay), que Milhem conversou com a reportagem durante a Fipan (feira de profissionais de panificação e confeitaria), no estande da Gelopar, empresa que lhe ofereceu freezer, fermentadora e bancada refrigerada.

Com os presentes recebidos, a produção passou de caseira a artesanal. Há três anos, ele vende para restaurantes, entre os quais o de Pasquale Nigro [dono de uma cantina na Vila Madalena], que tinha perdido um antigo fornecedor. “Eu fiz um pão igualzinho, com claras, banha; mudei só a farinha — coloquei uma farinha melhor”, conta.

“Eu uso duas farinhas, a Trigo de Origem [Moageira Irati, no Paraná] e a Fazenda Vargem, que considero a melhor do Brasil”, diz. Essas empresas são suas parceiras também no quesito solidariedade: “Elas me vendem e me fornecem uma quantidade de graça para eu



Desde a pandemia, Milhem Cortaz passou a produzir pães artesanais na garagem de sua casa e parte da produção é destinada a pessoas carentes

Uma padaria de afetos e propósitos

Ator Milhem Cortaz transforma o hobby de fazer os próprios pães num delicioso negócio

continuar doando”.

Para o ator, doar tem um sentido especial. “Quero continuar fazendo o meu pão, que eu vendo a R\$ 40, também para um cara na rua comer.” É esse o espírito de seu projeto Pão Bom Para Todo Mundo.

Ele imagina uma espécie de engrenagem, em que se articulem parcerias com fornecedores e com pequenos produtores, produção com inclusão, formação de mão de obra, vendas e doações. Embora não esconda que, sim, quer ganhar dinheiro com o empreendimento, que vê como uma alternativa segura para o futuro (“Quero envelhecer no pão”), seu sonho vai além.

Milhem lembra que muitos dos

personagens que viveu são “pessoas da margem”, a quem deseja retribuir o que de alguma forma lhe deram: “Eu sou bem-sucedido porque falo deles; eu quero devolver tudo isso para eles. Você já imaginou um ‘cadeiro’, um cara que sai da cadeia aos 60 anos? Ninguém quer pegar; então ele pode virar um padeiro”.

Não falta empolgação ao padeiro, mas a culinária tem de se conciliar com a carreira do ator. Milhem acaba de encerrar no CCB-BRJ a primeira temporada do espetáculo solo “Diário de um Louco”, baseado em conto de Nikolai Gógol, e agora mergulha nas filmagens de outra série. Nesse trabalho, o público vai vê-lo num papel diferente

daqueles que o consagraram, agora flertando com o fantástico.

O ritmo da atividade artística e o aumento da demanda da padaria o fariam contratar outro padeiro, o paraibano Joseph Káiroz. “Não temos um mês juntos e ele já faz um pão muito similar ao meu.” Hoje, o carro-chefe da casa é o sourdough, pão de fermentação natural, processo que assegura pães saudáveis, saborosos e mais digeríveis.

A padaria também produz brioche, ciabatta, focaccia etc., além do pão de amêndoas (chamado “4 de abril” para marcar a data em que ele botou a mão na massa pela primeira vez), da “broa de Milhem”, que leva fubá de milho, trigo e se-

mente de baru, e do “brownie da Helena”, receita da filha de 15 anos do ator.

O negócio de Milhem envolve a família e promove seu reencontro afetivo com as origens. O sobrenome “Cortaz”, libanês, herança do lado paterno, propiciou o jogo de palavras que virou a marca da padaria. No logotipo, porém, está a imagem do avô materno, o italiano Ozilio Avanci, de cuja casa “na roça”, em Guarapari (ES), se recorda com carinho.

“Era um lugar em que se acordava com muita coisa na mesa. Meu ‘vô arrancava o couro do porco e fazia o toicinho na hora.” A história do avô materno, “um homem semianalfabeto, casado com uma professora de português”, emociona o ator e, por um instante, lhe embarga a voz.

Por volta dos 15 anos, Milhem se mudaria para a Itália e, mais tarde, de volta ao Brasil, veria deslanchar sua carreira em teatro, TV e cinema, mas, mesmo assim, nunca deixaria de sentir que tinha o comércio “no sangue”. “Se um dia eu parar, vou abrir alguma coisa, vou vender faca, chave, vou ser comerciante”, disse, há mais de dez anos, em entrevista ao programa Ponto de Virada, da TV Cultura.

O velho sonho do ator deita raízes na terra do avô, com suas vendinhas onde se comprava de tudo — bala colorida, pilha, torresmo, tripa de mico, estilingue, ovo, xampu, borracha, bucha, palhinha, carne de porco, pão. E ele diz que gostaria mesmo era de ter uma padaria que fosse mais ou menos assim.

O “pão da roça” é também uma homenagem a esse avô. “Esse pão é a minha receita. Deixo o fundo dele queimado; uso centeio, [farinha] integral, [farinha] branca, trigo-sarraceno, fubá crioulo, faço um angu...”, vai listando os ingredientes como quem busca nas brumas da infância o principal deles. “É um pão de memória.”

O sonho de ter um negócio que concilie a memória afetiva de sua família com um projeto social já começou a se realizar. “Meu pão nunca vai ser amargo, sempre vai ter um gosto de chão de terra vermelha. Meus pães têm história.”

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

A pesar da esnobada dada pelo Festival de Veneza a seu trabalho mais recente, a comédia “The Palace”, que roteirizou para Roman Polanski, o polonês Jerzy Skolimowski renovou seu prestígio como realizador, aos 85 anos, graças à incansável carreira de seu mais recente experimento no posto de cineasta, “EO”, recém-chegado aos streamings.

Indicado ao Oscar de Melhor Filme Internacional, em março, o longa-metragem acaba de entrar para a grade da MUBI. É uma das aquisições de maior visibilidade da plataforma dedicada a narrativas autorais. Skolimowski é um diretor autor que funde artes plásticas, cinema e um olhar áspero sobre a mesquitez.

Filmes premiados, mas hoje esquecidos, como “Ataque em Alto-Mar” (1985), “Vivendo Cada Momento” (1982) e “Barreira” (1966) garantiram ao artista plástico, cineasta e (vez por outra) ator um lugar perene de destaque nos maiores festivais do mundo e mesmo a simpatia de Hollywood, onde emprestou seu carisma à polonesa a “Marte Ataca!” (1995) e “Os Vingadores” (2012). São 64 anos de carreira.

Sua obra é das mais festejadas da Polônia, terra de gigantes como Andrzej Wajda, Krzysztof Kieslowski, Agnieszka Holland e o já citado Polanski, colega de juventude e parceiro no cult “Faca na Água”, do qual foi dialoguista. Em seu currículo de glórias, “EO” é um ponto de reafirmação profissional. Trata-se de uma triste fábula de denúncia à violência contra os animais.

Numa combinação de um pleito militante bem defendido e de um vigor estético mesmerizante, essa sua narrativa de timbre fabular ganhou o Prêmio do Júri de Cannes e segue angariando fãs mundo afora.

“A última coisa que um artista deve fazer é ser chato. A penúltima, é se repetir, consciente de estar esgotado. A terceira é não pensar a força plástica do plano. A tela em branco onde nosso filme é projetado é igual a uma tela a se encher de tinta para ser exposta numa galeria. É um objeto que carece de nossa percepção de volume, de espaço, de fricção”, disse Skolimowski ao Correio da Manhã quando atuou em “O Caravaggio Roubado” (2018) e iniciou “EO”.

Seu título se pronuncia como uma onomatopeia, pois é uma referência sonora ao zurro que os asnos fazem (aquele “inhóóó inhóóó”), num motivo óbvio: seu protagonista é um burro, cujo calvário comove es-



Aos 85 anos, Jerzy Skolimowski saiu laureado de Cannes e concorreu ao Oscar pela narrativa tocante de ‘EO’

Poética animal

Aos 85 anos, o cultuado cineasta polonês Jerzy Skolimowski entra pra grade da MUBI com ‘EO’, cujo protagonista, um burro solto de um circo, testemunha a bestialidade humana

pectadores. Ganhador do Urso de Ouro da Berlinale, em 1967, com “Le Départ”, Skolimowski visitou o Brasil 13 anos atrás, por conta de uma retrospectiva de sua obra no Festival do Rio.

Na ocasião, ele contou à reportagem que não gostaria de ficar limitado às praias de Copacabana. “Um país só se desnuda em toda a sua verdade geopolítica na voz de sua periferia. Eu fico curioso com a imagem do subúrbio do Rio, pois a realidade de uma cidade fascinante como essa deve estar nas áreas não turísticas, onde é possível ver esse povo como ele é”, disse, à época, o octogenário realizador, que integra a grade da plata-

forma MUBI com um de seus primeiros sucessos: “Sinais de Identificação: Nenhum”, lançado no Festival de Pesaro, em 1965. “Se existe aquilo que chamam de ‘humanismo’, que nada mais é do que um misto de perplexidade com empatia, o meu é movido por figuras marginais, excluídas dos processos diários do sistema vigente. Um burro que é acossado pela brutalidade dos homens, sem piedade, é um ser marginal”.

Festejado como um tratado de amor à natureza, “EO” mistura elementos quase fantásticos com realismo ao narrar as peripécias de um burrico que perde seu lar, num circo, e vaga Europa adentro, parando num campo

de futebol e num templo religioso. A busca por sua tratadora o leva aos lugares mais exóticos. A narrativa abusa de um jogo de cores sinestésico, numa edição febril, que mistura naturalismo e delírio. É uma abordagem originalíssima para a luta em prol da defesa ecológica. “O que Jerzy buscava era dividir com o espectador a chance de compartilhar das angústias de um ser vivo considerado não racional, mas que expressa a vida em seu olhar, na penúria e no encanto”, disse a roteirista e produtora do filme, Ewa Piaskowska (mulher de Skolimowski), em entrevista ao Correio em Cannes. “Escrevi essa narrativa com ele sempre valorizando as peripécias das andanças do animal. Coube a Jerzy incluir seu olhar como pintor em experimentos visuais”.

Parceiro de Eva no roteiro da comédia “The Palace”, o novo Polanski que Veneza rechaçou, Skolimowski passou quase 20 anos, entre 1988 e 2008, sendo lembrado mais como pintor do que como realizador, até ser resgatado por Cannes, há 15 anos com a projeção do estonteante “Quatro Noites Com Anna”, na Quinzena dos Realizadores. Dois anos depois, recebeu o Prêmio Especial do Júri no Festival de Veneza por “Matança Essencial”, dado por Quentin Tarantino, que enxerga nele um deus da imagem. Ele só não foi à Croisette, em 2022, para acompanhar “EO”, por ter sofrido um acidente, na Polônia, onde machucou o joelho numa queda. “Quero que as pessoas olhem o mundo com o olhar desse burro”, disse o cineasta em um vídeo enviado a Cannes. “Quero tocar corações”.

Tecnologia e calor humano. Têm que estar sempre juntos.

Uma empresa que há 42 anos administra
uma liderança imbatível de mercado tem que
entender muito de administração.

Protel. A administração condominial que une
tecnologia com calor humano no atendimento.

Síndicos felizes recomendam.

Vai ser eficiente assim lá em casa.

PROTEL

ADMINISTRAÇÃO DE CONDOMÍNIOS.